

Telenovelas como dispositivos pedagógicos midiáticos: práticas de educomunicação para o ensino de História a partir de *Lado a Lado*

Telenovelas as Media Pedagogical Apparatus: Educommunication Practices for Teaching History using Lado a Lado

Adriana Santana*

Cecília Almeida**

Diego Gouveia***

RESUMO

Este artigo propõe possibilidades de uso de telenovelas como dispositivo pedagógico midiático para ensino da História, por intermédio da pedagogia da comunicação. A partir de *Lado a Lado* (2012-2013), é proposta uma intervenção, com práticas de educomunicação, ancorada em três características da novela: 1) retratar acontecimentos históricos pelo olhar das classes mais silenciadas pela Historiografia tradicional; 2) utilizar-se do contexto histórico como parte da trama e 3) expandir os capítulos com o uso de recursos transmidiáticos. A análise mapeou quatro categorias temáticas presentes na novela com o potencial para o ensino de História. Em seguida, um modelo metodológico para práticas pedagógicas escolares é apresentado com indicação de cenas e auxílio de “marcadores didáticos” para cada acontecimento histórico a ser discutido em sala de aula. Palavras-chave: Telenovela; Educomunicação; Ensino da História.

ABSTRACT

This paper proposes the use of *telenovelas* as a media pedagogical apparatus for teaching History, through the pedagogy of communication. Using *Lado a Lado* (2012-2013) as a case study, an intervention is proposed, incorporating educommunication practices, anchored in three characteristics of the *telenovela*: 1) depicting historical events from the perspective of the classes most silenced by traditional historiography; 2) utilizing the historical context as part of the plot; and 3) expanding the episodes through transmedia resources. The analysis mapped four thematic categories present in the *telenovela* with the potential for teaching History. Following this, a methodological model for school pedagogical practices is presented, with scene recommendations and the assistance of “didactic markers” for each historical event to be discussed in the classroom.

Keywords: Telenovela; Educommunication; History Teaching.

* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. adriana.masantana@ufpe.br <<https://orcid.org/0000-0002-8277-483X>>

** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. cecilia.lima@ufpe.br <<https://orcid.org/0000-0002-9771-0396>>

*** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru, Pernambuco, Brasil. diego.moreira@ufpe.br <<https://orcid.org/0000-0002-4405-7194>>

A TELENÓVELA COMO “NARRATIVA DA NAÇÃO”

Na estreita Rua do Ouvidor, no centro da capital da República, o sol a pino do verão de 1904 tornava o vai e vem de transeuntes tarefa bastante custosa. Era dia de semana, era começo de novembro, e os paletós escuros dos homens contrastavam com o calor que saía dos paralelepípedos. Pouco antes do meio-dia, algumas mulheres e muitos homens que caminhavam ora na rua, ora nas calçadas, entre as fachadas de estúdios de fotografia, ateliês de modistas, boticários e consultórios médicos, precisaram rapidamente se amontoar defronte aos estabelecimentos, espremendo-se nos dois passeios que, juntos, chegavam a ser maiores em largura do que a própria via de pedra.

É que se aproximava, com muito alarde e gritaria, um grupo volumoso de populares, armados com paus e porretes. Em sentido oposto, chegava outro grupo, formado por dezenas de capoeiras. Rapidamente, foram recebidos por policiais, uniforme azul escuro, à frente um delegado, protagonizando os três agrupamentos um espetáculo de chutes, “voadoras”, cabeçadas e cotoveladas contra pesados cassetetes de madeira. Poucos minutos se passaram, a briga continuava, e antes que o chefe policial sacasse o revólver, um jovem homem negro trajando chapéu coco, blusa e calças claras, presas por um suspensório, ordenou que a turba parasse: “meus amigos capoeiras, esta luta não é nossa!”.

O barbeiro de profissão e capoeirista Zé Maria rendeu o que parecia ser o líder do bando com o golpe “tesoura”, imobilizando-o ao chão, ameaçando chute fatal no pescoço, e exigiu que ele revelasse o nome do político de oposição ao presidente Rodrigues Alves que estava financiando e inflamando a malta para o confronto.

Em pouco mais de 34 minutos, com a cena final acima descrita, a telenovela brasileira *Lado a Lado*, em seu capítulo 32, que foi ao ar a 16 de outubro de 2012, recontava o contexto complexo de embates políticos numa nascente e controversa República. A trama ressaltou a truculência policial, a epidemia de varíola, a pobreza, as alterações no planejamento urbano, o medo e os boatos que envolveram a “Revolta da Vacina” (Rio de Janeiro, 2006), como ficou conhecida a sequência de cinco dias de fúria popular contra a campanha de vacinação obrigatória, e consequente violenta repressão do Estado, no começo de novembro de 1904, no Rio de Janeiro.

A novela retratava justamente o 10 de novembro de 1904, data em que, sob

o título de “Vaccinação obrigatória”, o *Jornal do Brasil* detalhava as bases de regulamentação do que viria a se tornar a nova legislação da imunização compulsória, documento que havia sido apresentado no dia anterior, na secretaria do interior da antiga capital da República. Com 49 artigos, a lei visava ao combate e controle da varíola, cuja epidemia dizimou cerca de 3,5 mil pessoas só naquele ano, apenas na cidade do Rio de Janeiro (Dandara, 2022). No último parágrafo do texto, o jornal anunciava o prenúncio das fortes reações à medida:

Sob a presidência do senador Lauro Sodré reúnem-se hoje, às 8h da noite, na sede do Centro das Classes Operárias, a directoria provisória da Liga contra a Vaccinação Obrigatória, devendo no sábado, 12 do corrente, a esta mesma hora, realizar-se a assembléa pública para apresentação dos estatutos da nova associação (Jornal do Brasil, 1904, p. 3).

Figuras 1 e 2 – Construção da Avenida Central - edifícios em obras, na altura da Rua do Ouvidor (esquerda). Rio de Janeiro, Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, 1905. Fotografia: João Martins Torres.
Cena da novela *Lado a Lado*, retratando a repressão aos revoltosos da vacina (aqui, capoeiras em luta com policiais) na Rua do Ouvidor, em novembro de 1904 (direita).



Fontes: Coleção Instituto Moreira Salles (1) e Memória Globo (2).

Este artigo tem como propósito apresentar a possibilidade de uso da pedagogia da comunicação, uma área de intervenção da educomunicação, para ensino da História a partir da novela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012, 19h, de Claudia Lage e João Ximenes Braga), gênero considerado um dispositivo peda-

gógico midiático. Pretendemos, a partir das discussões teórico-metodológicas desenvolvidas ao longo do trabalho, realizar a proposição de metodologia, para uso em sala de aula, de emprego da teledramaturgia como recurso didático no ensino e aprendizagem de acontecimentos históricos.

Lado a Lado, telenovela exibida no horário das 19h da TV Globo, de 10 de setembro de 2012 a 08 de março de 2013, totalizando 154 capítulos, ganhou o Emmy de 2013 na categoria “Melhor Novela” (Memória Globo, 2021). Pertence ao subgênero de telenovelas “de época”, nas quais as tramas acontecem em um passado histórico específico, “mostrando hábitos e comportamentos de períodos históricos significativos para o país. Traz embutida a ideia de recuperação das raízes e da tradição, com pretensão de resgate de ‘brasilidade’, do que *Escrava Isaura* (1975) foi paradigmática” (Tondato, 2015, p. 441).

A obra se passa na primeira década do século XX, no Rio de Janeiro, tendo se destacado pelo pano de fundo de contextualização acerca das mudanças urbanas empreendidas à época na capital federal e eventos históricos que não eram meramente mencionados ou apontados no texto, mas que foram integrados à trama, com os personagens fazendo parte de diversos acontecimentos. Embora a emissora destaque “o processo de favelização dos morros e o nascimento do samba” (Memória Globo, 2021), a novela empreendeu um verdadeiro mergulho historiográfico no alvorecer do século XX no Brasil, tendo como importante marca o enfoque dado às vozes mais silenciadas pela História tradicional:¹ a classe trabalhadora, negra e periférica. Conforme atestam Baccega, Mello e Barreto (2014, p. 3), “um dos grandes méritos da novela *Lado a Lado* é o de ter retratado a história desse período do Brasil do ponto de vista das classes chamadas populares (dominadas)”.

Além da inovação em contar os acontecimentos históricos por intermédio do olhar subalterno, da base popular que empreendeu as mudanças políticas e sociais no país, a novela também expandiu a discussão apontada nos capítulos com o uso de recursos transmídia. A transmidiação, segundo Fechine et al. (2013, p. 26), é “[...] um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais”, por intermédio da participação propiciada pela convergência midiática.

Em um site criado paralelamente à exibição televisiva, quem acompanhava a novela podia adensar os conhecimentos sobre os fatos históricos com o

conteúdo criado por duas historiadoras, numa seção intitulada “Naquele Tempo”, em que traziam os contextos históricos vivenciados pelos personagens. Também no site era possível acessar a revista *O Bonde*, que trazia comentários bem-humorados sobre os acontecimentos da novela, e a reconstituição gráfica do Rio de Janeiro da época, uma cidade virtual que podia ser “visitada” pelos telespectadores. Abordaremos os fatos históricos apresentados em *Lado a Lado* mais adiante, com a proposição de metodologia.

A telenovela é, muito possivelmente, o principal produto da teledramaturgia brasileira. Com emissões diárias e presentes em quase todas as faixas do chamado “horário nobre”, combina “convenções formais do documentário e do melodrama televisivo” (Lopes, 2003, p. 25), provocando uma intencional mistura de ficção e realidade ao incorporar nas suas tramas elementos factuais que fazem parte do cotidiano dos brasileiros ou de sua história. Assim, tramas rocambolescas em que irmãos gêmeos trocam de lugar se entrelaçam com dados sobre desemprego; o drama dos pombinhos apaixonados confunde-se com informações sobre a importância de proteger o meio ambiente; o enredo do filho perdido vem acompanhado por discussões sobre as ameaças do uso desenfreado da tecnologia, e assim por diante. Essa combinação permite que a novela atue “dentro de uma espécie de *twilight zone* entre o real e o ficcional, entre o informativo e o ficcional” (Balogh, 1998, p. 12).

Lopes (2003) destaca o poder das telenovelas de convocar debates públicos, constituindo o “paradoxo de se identificar o Brasil mais na narrativa ficcional do que no telejornal” (p. 25). A autora faz um mapeamento extensivo das temáticas presentes nas telenovelas da TV Globo, concluindo que o gênero se consolidou como um importante espaço de problematização do Brasil, e como uma das mais representativas “narrativas da nação”, em que recursos da dramaturgia como conflitos e traições convivem bem com “referências a temáticas e repertórios nacionais e atuais na época em que vão ao ar” (Lopes, 2003, p. 25).

Ainda que seja um produto da seara da ficção, a telenovela também se debruça sobre questões e repertórios que remetem a um contexto social, e, como é o caso de *Lado a Lado*, a um período histórico demarcado. Dessa maneira, pode vir a se configurar como um documento relevante para se analisar as relações sociais da época, no sentido de que essas fontes podem se configurar como “suportes de relações sociais” (Mauad; Cavalcanti, 2009, p. 29).

Testemunhamos essa potência dos folhetins televisivos quando percebemos

a presença das narrativas nas conversas dos telespectadores. Pallottini (1998) explica que uma parte do público passa a viver vicariamente os acontecimentos da novela, relacionando-se de modo especial com certos personagens. A mistura entre realidade e ficção atinge inclusive as pessoas envolvidas na produção, com atores e atriz sendo confundidos com os personagens interpretados.

A audiência de telenovelas costuma debater temas relacionados às narrativas e ao destino dos personagens, mas também os assuntos que estão para além da trama — leituras e interpretações que são sugeridas pelo universo ficcional, mas que tratam sobre assuntos da “vida real”, “devido a uma capacidade peculiar de alimentar um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras” (Lopes, 2003, p. 18).

Segundo o autor João Ximenes Braga, houve relatos de que a novela *Lado a Lado* foi utilizada como recurso em salas de aula ainda na época de sua exibição (Autor [...], 2013). Estudos como os de Vaz (2023), Schmitz (2016) e Rocha et al. (2013) já investigaram o potencial desse folhetim para o ensino de História, relatando experiências de aprendizagem em ambientes formais e não formais.

Neste artigo, propomos uma análise temática (Nowell et al., 2017; Attride-Stirling, 2001) de *Lado a Lado*, a partir das publicações na seção de conteúdos transmiídia “Naquele Tempo”, buscando apontar os temas com potencial para o ensino de História. Indicamos então possibilidades para que o folhetim seja utilizado como recurso didático, partindo dos pressupostos da educomunicação e da pedagogia da comunicação de Almeida (2024).

Antes de discutirmos os resultados, importa apresentar o conceito de educomunicação e a compreensão da telenovela como dispositivo pedagógico midiático.

EDUCOMUNICAÇÃO E DIALOGISMO NA PRÁTICA DE ENSINO

A educomunicação, como campo de conhecimento, surgiu das interfaces entre a Educação e a Comunicação, e defende uma educação que emancipe o ser humano, favorecendo seu protagonismo através de processos dialógicos como alternativa ao modelo educacional tradicional, que se limita à transmissão de informações na relação educador-educando (Paula; Moreira, 2011).

Essas ideias foram amplamente difundidas no Brasil pelas práticas de Pau-

lo Freire, que defendia uma comunicação plena a partir de uma consciência educativa crítica e uma educação globalizante por meio da comunicação (Freire, 1988). Com base freireana, Gutierrez (1978) aponta um déficit da educação básica em não aderir a elementos da comunicação e de seus produtos para uma melhor aprendizagem na fase escolar. Educadores como Célestin Freinet (França) e Jesús Martín-Barbero (Espanha) também são considerados fundadores dessa proposta que alinha comunicação e educação. No entanto, foi o argentino Mário Kaplún quem, na América Latina, inicialmente referendou o novo campo da Educomunicação, ainda que entendesse o termo como uma leitura crítica da mídia (Soares, 2006).

A partir das contribuições de Freire e Kaplún, Soares (2006) aprofundou os estudos sobre o tema, dando um novo significado à Educomunicação com a pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE), entre 1997 e 1999. Para Soares, a Educomunicação é: “toda experiência de envolvimento dos agentes sociais, suas empresas e organizações, na implementação de ações voltadas para o planejamento e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos” (Soares, 2006, p. 179), cuja meta é promover a cidadania por intermédio da comunicação, mediada pela tecnologia e com acesso e gestão democráticas.

De acordo com Soares (2002), os princípios da Educomunicação incluem: a) promover o acesso democrático à produção e difusão de informação; b) facilitar a percepção crítica da edição do mundo pelos meios de comunicação; c) facilitar o ensino/aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação; e d) promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade.

O autor (2014) considera que as atividades de intervenção da Educomunicação estão alocadas em sete diferentes áreas. São elas: 1) educação para a comunicação; 2) pedagogia da comunicação; 3) gestão da comunicação; 4) mediação tecnológica na educação; 5) produção midiática educativa; 6) expressão comunicativa por meio da arte; e 7) epistemologia da educomunicação.

Para esta pesquisa, interessa a segunda modalidade, a pedagogia da comunicação, que “consiste em promover a construção de conhecimento por meio da comunicação dialógica e da relação entre as pessoas, utilizando estratégias que impulsionem a interação em uma comunidade de aprendizagem, incentivando a participação de todos” (Almeida, 2024, p. 53).

Segundo Almeida (2024), no processo educ comunicativo da pedagogia da

comunicação, não há o fornecimento de respostas prontas e imposição de pontos de vista. Há exposição de diversos pontos de vista sobre os assuntos com o oferecimento de subsídios para que os sujeitos possam comparar argumentos, refletir e tirar suas próprias conclusões.

É nessa área de intervenção que se torna possível envolver os alunos com os conteúdos curriculares a partir de produtos midiáticos. Esses recursos possibilitam aos educandos aproximar conteúdos de disciplinas para o seu dia a dia, dissolvendo barreiras e garantindo discussões críticas sobre os temas planejados.

Almeida (2024) propõe um planejamento para aplicação da pedagogia da comunicação com os seguintes elementos: público-alvo; situação problema; objetivos; metodologia; recursos e avaliação. A autora aponta como público-alvo os educadores e estudantes. Apresenta como situação problema: permitir o diálogo entre os estudantes usando produtos midiáticos e recursos das novas tecnologias da informação e da comunicação, propondo aprendizagem por projetos e pesquisa.

Sugere o estabelecimento de objetivos como “a) Levar os participantes a debaterem ou refletirem sobre um determinado assunto que não seja a comunicação, usando para isso os recursos da informação e da comunicação; b) motivar para a aprendizagem e para o diálogo” (p. 56). Recomenda, para a metodologia, o emprego de debates, análise de textos e vídeos, simulações, elaboração de propostas. Como recursos, indica textos, filmes, áudios etc. Por fim, na avaliação, estimula a análise de depoimentos orais, textos e outras produções realizadas, além da observação de comportamento.

Uma vez estabelecendo a intervenção da pedagogia da comunicação como método, é necessário definir quais produtos midiáticos são mais adequados para engajar os alunos aos conteúdos curriculares desejados. Para este estudo, avaliamos o potencial didático da telenovela e, em seguida, da obra *Lado a Lado* especificamente, tendo em vista o ensino de temáticas relacionadas aos movimentos sociais, culturais e políticos vinculados ao período dos primeiros anos da República no Brasil.

Fischer (2002) considera a TV uma mídia capaz de promover processos educativos. Ela, com o conceito de “dispositivo pedagógico midiático”, transforma a mídia em objeto de estudo no âmbito das práticas pedagógicas escolares com possibilidade de atuar na constituição dos sujeitos. É o que discutimos a seguir.

O DISPOSITIVO PEDAGÓGICO MIDIÁTICO

A regência das atividades da população é realizada a partir da estruturação de dispositivos, ou seja, o governo é exercido a partir de dispositivos. Segundo Foucault (2001),

através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (p. 138).

Há, em Foucault, na conceituação do termo, a ideia de que existe um fim estratégico em funcionamento como matriz de um dispositivo.

Dois pesquisadores operaram com o conceito foucaultiano de dispositivo e contribuíram para discussões sobre o termo. Deleuze e Agamben trouxeram elucidações importantes para compreensão do pensamento foucaultiano. Deleuze em uma perspectiva mais ampla e Agamben circunscrevendo mais. A partir de análises mais abrangentes da obra de Foucault (não se resumindo a observá-las sob o crivo do poder), Deleuze (1990), no texto “O que é um dispositivo”, afirma que é um conceito operatório multilinear, que está alicerçado em três grandes eixos: saber, poder e subjetivação. O autor afirma que os dispositivos são máquinas de fazer ver e fazer falar. Essa noção, como veremos, aproxima-se das ideias de Agamben na compreensão sobre dispositivo.

De acordo com Agamben (2009), Foucault toma o termo para compreender “o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras que se concretizam nas relações de poder” (p. 32). Agamben, a partir do pensamento do filósofo francês, descreve o dispositivo como sendo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (p. 40). O dispositivo seria a operação por meio da qual se administra e se governa o mundo das criaturas, por isso devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito (Agamben, 2009). Nesse ponto, identificamos o eixo que reúne as especificida-

des das definições de cada um dos autores (Foucault, Deleuze e Agamben) para o conceito de dispositivo: processo de subjetivação.

Conforme Fischer (2002), a mídia opera na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem”. Para a autora, nos ambientes das práticas escolares, os meios de comunicação contribuem para aprendizados sobre “modos de se comportar, de constituir a si mesmos” (p. 153).

A autora considera que os aprendizados sobre modos de existência se fazem com a contribuição dos meios de comunicação, que não constituem apenas fontes de informação e lazer, mas se configuram como um lugar poderoso “no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações — relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo” (p. 153).

Fischer emprega o conceito de dispositivo pedagógico da mídia relacionado aos currículos escolares. A autora defende que há uma responsabilidade dos meios de comunicação no tratamento dado às diferenças: “em que medida esses ‘outros’ ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente?” (Fischer, 2002, p. 159).

Sobre o trabalho pedagógico, considera que inclui fruição dos conteúdos midiáticos e um trabalho de construção de linguagem e reunião de informações sobre os produtos. A proposta tem o objetivo de mergulhar na diversidade da produção audiovisual (em filmes, vídeos, programas de televisão), evidenciando alterações ocorridas nas últimas décadas nos conceitos de cultura, e “especialmente sobre importantes mudanças nos modos de subjetivação, de constituição do sujeito contemporâneo” (p. 158).

A educomunicação, enquanto campo que articula educação e comunicação, necessita do dispositivo como elemento fundamental para a produção de subjetivações, pois é por meio dele que se estruturam as relações de poder, os fluxos de informação e as práticas discursivas que moldam a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e ao mundo.

O dispositivo, entendido como um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, tecnologias e normas, opera na constituição dos sujeitos ao orientar seus modos de ver, falar e agir dentro de determinados contextos sociocul-

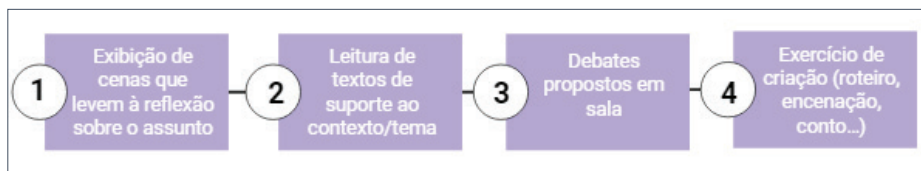
turais. Dessa forma, a educomunicação não apenas se vale do dispositivo para mediar processos de ensino-aprendizagem, mas também para promover reflexões críticas e transformações subjetivas, ampliando as possibilidades de participação e agência dos indivíduos na sociedade.

Considerando o exposto, foi possível sugerir um plano de intervenção baseado na pedagogia da comunicação como prática educ comunicativa para o ensino de História, a partir de temas presentes na telenovela *Lado a Lado*, conforme veremos a seguir.

SUGESTÃO DE METODOLOGIA: PLANO DE INTERVENÇÃO

Com base na proposição de planejamento para aplicação da pedagogia da comunicação (Almeida, 2024) sobre a qual aludimos anteriormente, propomos a seguinte adaptação, para o ensino de História, dos procedimentos indicados pela autora, materializada neste esquema:

Figura 3 – Esquema para aplicação da pedagogia da comunicação



Fonte: Os autores.

A agência histórica de personagens negros em *Lado a Lado* é uma das características mais importantes de serem analisadas e utilizadas metodologicamente como auxílio ao ensino e aprendizagem. Mais à frente, nos dedicaremos a análises detalhadas relacionadas ao tema. Antes, é preciso ressaltar que há outras abordagens e fatos históricos que também são passíveis de uso em sala de aula. Desse modo, para este trabalho, realizamos uma catalogação dos principais temas incluídos no roteiro, bem como recuperamos cenas e links para acesso aos conteúdos, organizados em um quadro temático para ser utilizado por docentes dentro do universo de ensino de disciplinas e temas referentes ao Brasil República.

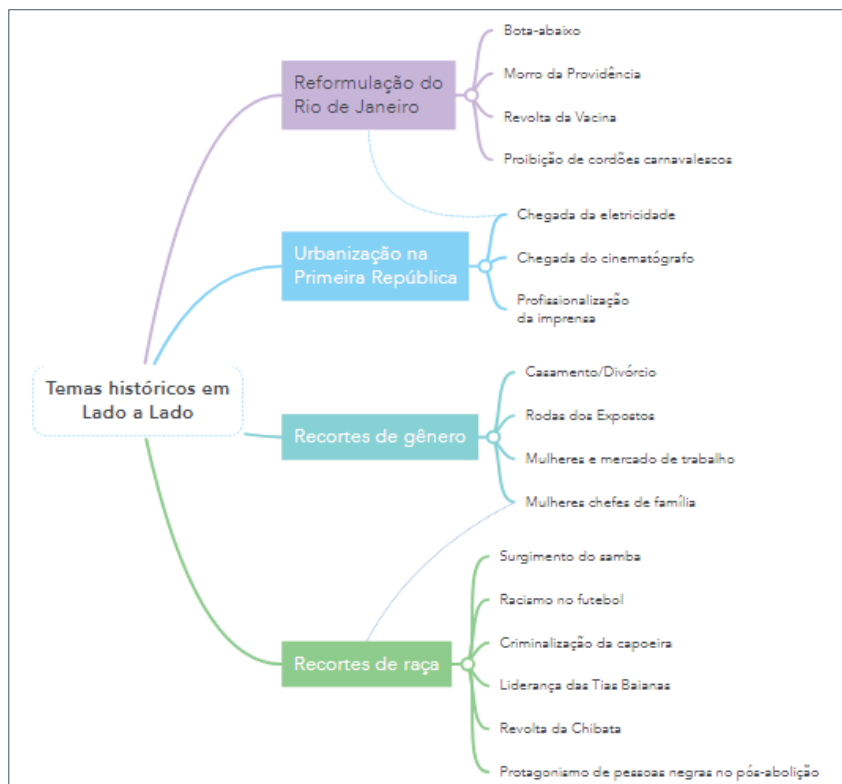
O levantamento dos temas foi principalmente orientado pelos textos disponíveis no site do Gshow, na seção “Naquele Tempo”, conteúdo transmi

criado pela TV Globo para contextualizar os fatos históricos que inspiraram os autores de *Lado a Lado*. A coluna era assinada pelas historiadoras Luciane Reis e Rosane Bardanachvili, e trazia conteúdo textual e audiovisual para situar o espectador na história, distinguindo ficção de fato histórico. Como a seção encontrava-se indisponível no site do Gshow no momento desta pesquisa, foi necessário recuperar os textos com o uso de ferramentas como o *Wayback Machine* e a busca avançada do Google, sendo recuperadas 18 URLs.²

O material permitiu enxergar de forma mais objetiva as temáticas históricas intencionalmente retratadas pela produção da novela, bem como facilitou a curadoria de cenas que tratavam de cada tema, em meio aos 154 capítulos exibidos. Prosseguiu-se então para uma análise temática, um método de pesquisa qualitativa que busca mapear, analisar, organizar, descrever e relatar temas presentes em um determinado conjunto de dados (Nowell et al., 2017). A técnica envolve a familiarização inicial com os dados, para que em seguida os assuntos de maior proeminência (temas básicos) sejam identificados e agrupados nos chamados temas organizadores.

Os assuntos identificados foram reunidos então em quatro grandes categorias temáticas (temas organizadores): “Reformulação do Rio de Janeiro”, “Urbanização na Primeira República”, “Recortes de Gênero” e “Recortes de Raça”, sendo que estas duas últimas podem ser estendidas para além dos fatos históricos encenados, pelo protagonismo de mulheres com ideais feministas, tidas como “subversivas”, e de pessoas negras que demonstram agência sobre suas vidas, representadas principalmente pela dupla de heroínas que lidera a trama, Laura e Isabel (o arco de Laura aborda diretamente noções de gênero — não deseja casar, divorcia-se, começa a trabalhar — enquanto o de Isabel discute o cotidiano de pessoas negras no Rio de Janeiro após a abolição).

A partir dessa catalogação, sugerimos que o/a docente adote a metodologia demonstrada na Figura 1, podendo utilizar-se da rede temática (Attride-Stirling, 2001) abaixo. O quadro foi dividido nos quatro temas organizadores, que, por sua vez, subdividem-se em 17 temas básicos que são efetivamente trabalhados em capítulos inteiros e/ou cenas da novela. Destaca-se que os temas aparecem aqui divididos para efeito de análise, pois a mesma cena, capítulo ou arco narrativo pode ser atravessado por várias das categorias temáticas mapeadas.

Figura 3 – Temas históricos em *Lado a Lado*

Fonte: Os autores.

Para completar o método, criamos seis marcadores didáticos que irão orientar os/as docentes a respeito dos eixos temáticos, a descrição de suas respectivas cenas na trama e, por fim, indicações bibliográficas que encerram o ciclo desse planejamento. Para tal, selecionamos o tema “Protagonismo de pessoas negras no pós-abolição”.

A ideia de aliar os pressupostos da educomunicação — aqui, destacadamente, a utilização da telenovela como recurso didático — é reconhecer essa mídia como potencial interface pedagógica e, dessa maneira, ser um dispositivo capaz de provocar a aprendizagem, ampliando as possibilidades de atuação de docentes.

APLICAÇÃO METODOLÓGICA: MARCADORES DIDÁTICOS PARA O ENSINO SOBRE A AGÊNCIA HISTÓRICA NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO

Em pesquisa realizada sobre duas décadas (1996 a 2016) de produção da teledramaturgia da Rede Globo (Amorim, 2017), chegou-se ao número de 91 personagens negros classificados como “empregados de família”. Desses, 58 foram interpretadas por mulheres, que tinham papéis de domésticas, babás, cozinheiras e arrumadeiras.

A análise revelou, ainda, que apenas duas atrizes negras em papéis considerados subalternos socialmente chegaram a protagonizar os folhetins, ao longo dos 20 anos pesquisados. Entre elas, a personagem da atriz Camila Pitanga em *Lado a Lado*, Isabel, que juntamente ao ator Lázaro Ramos (Zé Maria), formava o casal protagonista da trama, feito único nas duas décadas do estudo anteriormente mencionado. Ainda assim, dividiram o protagonismo com uma dupla de atores brancos:

Em nenhum folhetim transmitido no período entre 1996 a 2016 na TV Globo foi possível encontrar uma novela que trouxesse somente negros como protagonistas, independentemente da posição social ou do trabalho; quando estavam na linha de frente da trama, o protagonismo era dividido com pessoas brancas (Amorim, 2017).

Apesar de dividir o posto de personagens principais com contrapartes brancas, os papéis ocupados na trama pelo casal de atores negros escapou, em partes, do enredo estereotipado comum às produções de novela produzidas até então. Aproximando-se da perspectiva histórica contemporânea de reconstituir às mulheres e homens negros — escravizados ou libertos — o papel de agentes históricos que efetivamente ocuparam (Machado; Castilho, 2017), o enredo destinou a Isabel e Zé Maria a ingerência de seus processos de emancipação no pós-abolição.

Como nos referimos há pouco, desse modo, a trama carrega o potencial de ser acionada, pedagogicamente, para a apresentação e discussão de temas relacionados ao período histórico abarcado pelo roteiro, com destaque às estratégias lançadas por cidadãos e cidadãs negros no Brasil, da escravidão aos primeiros anos da República, nos campos político, social, profissional e de relações pessoais. E, ainda, correlacionar à situação da população negra no Brasil de hoje.

Levando em consideração que a educomunicação, enquanto campo que articula educação e comunicação, necessita do dispositivo como elemento fundamental para a produção de subjetivações, nos utilizaremos de *Lado a Lado* para esse fim. De modo que o repertório desenvolvido na obra possa não apenas mediar processos de ensino-aprendizagem, mas também promover reflexões críticas e transformações subjetivas, ampliando as possibilidades de participação e agência dos indivíduos na sociedade.

Elencamos, a seguir, três exemplos de como o roteiro indicou o efetivo protagonismo das personagens negras na trama, com as respectivas descrições e eixos temáticos históricos relacionados, bem como indicações bibliográficas. E, por fim, sugestão de modelo metodológico a ser aplicado. Conforme apontamos no começo deste tópico, nomeamos esses indicadores de **marcadores didáticos**.

1. Capítulo 2 – cena de Zé Maria e Isabel em um restaurante

No primeiro encontro, vão a um restaurante caro. Isabel sugere outro lugar, mas Zé Maria insiste. O gerente diz que não há lugar para eles e pede para que se retirem. Zé Maria afirma que estão no século XX e já ordena que traga um vinho português. Isabel o beija, impactada pela postura do namorado. Zé Maria diz que apesar de ainda terem um futuro de luta pela frente, a escravidão acabou e não podem abaixar a cabeça. Então, relata que o pai era “negro de ganho”, trabalhando como barbeiro nas ruas, e conquistou a carta de alforria do pouco do dinheiro que não ficava com o senhor. Isabel explica que nasceu livre, mas o pai era escravizado num engenho, e que também conseguiu comprar a manumissão.

Marcador didático a: Estratégias de escravizados no Brasil para obter a liberdade por intermédio das manumissões, questões relacionadas a pecúlio e cartas de alforria (ver Slenes, 1999; Souza, 2016; Matheus, 2018).

Marcador didático b: “Negros de ganho”, “ganhadeiras”, “escravos de ganho”, nomenclaturas utilizadas para demarcar os trabalhos realizados por pessoas escravizadas fora do ambiente da propriedade, com parte dos ganhos repassados aos senhores, destacadamente as atividades de pequeno comércio (ver Soares, 1986; Dias, 1984; Carmo; Viana, 2020; Reis, 2019).

Na sugestão acima, a cena do restaurante pode ser acionada seguindo uma adaptação ao passo a passo da metodologia proposta por Almeida (2024), à qual aludimos anteriormente, e que nessa situação apresentaria a seguinte configuração de planejamento:

Público-alvo: educadores e estudantes.

Situação-problema: fomentar o diálogo acerca de como o preconceito racial tem raízes históricas e permanências contemporâneas.

Objetivos: elencar materializações de racismo na sociedade brasileira atual e formas de combate.

Metodologia: assistir à cena > ler excertos das obras sugeridas > debater o tema > produzir um minirroteiro para uma cena semelhante, mas pensada para se passar nos dias de hoje > encenar o texto produzido > registrar em vídeo a esquete.

Avaliação: assistir ao vídeo e analisar coletivamente o que a releitura da obra original suscitou a respeito do tema.

Essa proposição se vincula ao pressuposto freireano de educação que emancipa os indivíduos, de forma que haja um protagonismo por meio de métodos dialógicos em oposição ao modelo educacional no qual se observa a mera transmissão de informações na relação educador-educando. Freire defendia a plena comunicação a partir de uma consciência educativa crítica, bem como uma educação globalizante pela instrumentalização comunicativa, considerando as duas coisas mutuamente complementares (Freire, 1988). A utilização da comunicação como ferramenta pedagógica é uma prática que também remonta a Paulo Freire, que, já na década de 1960, anunciava que a educação estaria cada dia mais interligada à comunicação (Freitas, 2015).

2. Capítulos 55, 56 e 57 – Zé Maria na Revolta da Chibata

Os capítulos 55, 56 e 57 trazem como pano de fundo a “Revolta da Chibata”. O texto apresenta o contexto que levou à mobilização dos marujos da Marinha brasileira contra os castigos físicos e punições severas. A revolta aparece de maneira orgânica, já que o personagem de Zé Maria transforma-se em líder de uma das embarcações que se postaram na Baía da Guanabara. O capítulo 57 inicia com a cena de Zé Maria sendo entrevistado, dentro do navio, pelo personagem Edgar (jornalista, o outro protagonista da trama).

O marujo tira a camisa e mostra ao jornalista as cicatrizes recentes das chibatadas que recebeu de um superior. O personagem aparece comandando uma das linhas de frente da revolta, embora deixe evidente, no capítulo, que as decisões principais estão sendo tomadas a bordo do Encouraçado Minas Gerais, liderado por João Cândido, o “Almirante Negro”. Ele é diretamente citado numa cena-bônus, disponível no material transmídia elaborado pela emissora, quando de sua prisão e envio para uma solitária (cf: <https://bit.ly/3VHvHkP>). No capítulo 62, Zé Maria é expulso da Marinha, como aconteceria com mais de mil marinheiros que haviam participado da revolta (Capanema, 2022).

Marcador didático c: O protagonismo dos marujos negros na Revolta da Chibata (1910) e a participação de João Cândido no movimento (cf: Morel, 2006; Granato, 2000; Maestri, 1998).

Para a proposição acima, o caminho metodológico proposto é centrado no entendimento do dispositivo como mecanismo de subjetivação (Agamben, 2009) e, ainda, no princípio educacional de promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade em questão (Soares, 2002). Isso porque os discentes serão provocados a se observar como agentes de transformação em seu entorno escolar e familiar e protagonizar a produção de narrativas audiovisuais. Ainda, vincula-se à proposta de comunicação participativa de Kaplún (1984), em que os sujeitos são ao mesmo tempo emissores e receptores das mensagens produzidas. Posto que, para ele, a verdadeira comunicação acontece não quando um emissor fala e o receptor escuta, e sim por pessoas ou comunidades que dialogam (Kaplún, 1984).

Público-alvo: educadores, estudantes, familiares e comunidade do entorno.

Situação-problema: promover o debate acerca de expoentes negros da Abolição e pós-Abolição.

Objetivos: identificar e contextualizar ativistas e intelectuais negros dos estertores da escravidão aos dias atuais.

Metodologia: assistir à cena > ler e debater sobre João Cândido > a partir das reflexões acerca do papel do Almirante Negro na luta política durante a Primeira República, produzir uma reportagem audiovisual sobre moradores do bairro ou cidade que protagonizaram mobilizações sociais e políticas, com participação dos moradores e familiares nas entrevistas. A edição pode ser feita com aplicativos gratuitos, em celular.

Avaliação: exibir a matéria na instituição de ensino, convidando a comunidade para assistir ao conteúdo e refletir, coletivamente, sobre as descobertas acerca dos personagens retratados.

3. Capítulo 111 – A cidade negra do Rio de Janeiro

Numa cena que dura exatos dois minutos, de 31'27" a 33'27", em que o personagem de Zé Maria percorre as ruas do centro do Rio de Janeiro no ano de 1910, à procura do personagem Elias, uma criança, filho de Isabel, tem-se a dimensão da presença negra na capital federal, especialmente relacionada à força de trabalho. Enquanto homens e mulheres brancos, de roupas elegantes, transitam como figurantes, a câmera passeia pelas ruas — ora acompanhando o garoto, ora mostrando Zé Maria —, dando destaque a pessoas negras que compõem a imagem da reconstituição da cidade à época. O telespectador vê a doceira com seu tabuleiro, o menino com caixote de engraxate, o entregador de pão na bicicleta, o jornaleiro, vendedores de frutas, o atendente do quiosque, trabalhadores descansando — todos negros. Uma composição imagética e narrativa que segue a lógica de compreensão de que o fato social da abolição se deu longe dos púlpitos parlamentares e da burocracia estatal, e sim “nas esferas menos visíveis da sociedade, nas dobras do mundo parlamentar, no contexto das militâncias populares nascentes e nas franjas da política formalista e excludente do império” (Machado, 2009, p. 369).

Marcador didático d: O trabalho exercido pelas pessoas negras no Brasil do começo do século 20 (cf: Silva, 2013; Lima et al., 2001; Costa, 2020).

Para trabalhar esse marcador didático com os discentes, o modelo sugerido segue o preceito educacional que vislumbra as potencialidades das tecnologias interativas. Elas acenam para a quebra da unidirecionalidade e da centralização das comunicações, o conceito de comunicação dialógica, relacional e transformadora de Freire, e oferece uma referência normativa revitalizada, criativa e desafiadora para todos aqueles que acreditam na prevalência de um modelo social comunicativo humano e libertador (Lima, 2000).

Também se associa ao processo de subjetivação, considerando que os aprendizados sobre modos de existência se fazem com a contribuição dos meios de comunicação, que não constituem apenas fontes de informação e lazer, mas se configuram como um lugar poderoso “no que tange à produção e à

circulação de uma série de valores, concepções, representações — relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo” (Fischer, 2002, p. 153).

Público-alvo: educadores, estudantes e comunidade escolar.

Situação-problema: discutir sobre a composição da força de trabalho no Brasil, com destaque para os postos ocupados majoritariamente por pessoas negras.

Objetivos: relacionar as consequências do regime escravista ao modelo trabalhista em voga no país.

Metodologia: recriar a cena, posicionando a câmera por dois minutos numa importante via comercial do bairro ou cidade, identificando quem são as trabalhadoras e trabalhadores contemporâneos.

Avaliação: numa dinâmica de grupo, assistir ao vídeo (que pode ser editado com aplicativos gratuitos, em celular) e, posteriormente, lançar questões que tragam reflexões sobre continuidades e mudanças no perfil laboral e de ocupação dos brasileiros.

Apesar de *Lado a Lado* ter sido uma das primeiras telenovelas brasileiras a contar com protagonistas negros cujos papéis evidenciavam suas participações como sujeitos históricos, sem que dependessem necessariamente da ação de personagens brancas, o roteiro também derrapa, por vezes, no caráter de benevolência, semelhante ao que foi apontado por Castilho (2012) em relação a alguns momentos da campanha abolicionista brasileira.

Mesmo com a trama sendo ambientada já no começo do século XX, esse traço da benevolência dos brancos em relação à população negra ficou demarcado em determinadas cenas. No capítulo 15 (26 de setembro de 2012), por exemplo, a personagem Madame Besançon, uma francesa rica e moradora do Rio de Janeiro, interpretada pela atriz Beatriz Segall, aumenta o salário de Isabel, sua empregada doméstica.

No diálogo, a patroa demonstra suas ideias progressistas, reclamando das reformas urbanas empreendidas pelo então prefeito da cidade, Francisco Franco Pereira Passos, que expulsava a população pobre para os morros e áreas mais afastadas do centro. Mas o texto acaba resvalando para a tônica do paternalismo, à medida em que o aumento de salário é recebido como um ato de grandeza da empregadora pela protagonista:

4. Capítulo 15 – Reformas no Rio de Janeiro e paternalismo

Isabel – Para o jantar, pensei naquela Terrine ao Poison que a senhora tanto aprecia.

Madame – Ah, ótimo. Escute, eu posso falar com o padre Olegário, ahn? Eu vi sua felicidade quando o Zé Maria chegou para almoçar, ahn?

Isabel – Muito obrigada, madame, mas na verdade eu prefiro esperar um pouco pra marcar a data do casamento. Todo mundo estava tão acostumado lá onde a gente morava, está sendo difícil esse recomeço.

Madame – E o prefeito acha que empurrando a gente trabalhadora lá pra cima dos morros ele vai transformar o Rio de Janeiro em Paris? Ah, vai virar o Pão de Açúcar em Torre Eiffel e o Jardim Botânico na Toullerie! (risos). Essa gente não vê que essa cidade é linda, assim como ela é? Eu amo Paris, mas eu não ia querer uma Paris abasileirada, sabe? Assim como eu não entendo um Rio de Janeiro afrancesado. Cada lugar tem a sua identidade, o seu destino, sabe?

Isabel – Nossa, eu nunca vi uma coisa tão certa, madame, a senhora daria uma grande prefeita! (risos)

Madame – Não, eu prefiro ser só sua fada madrinha. Eu faço questão de fazer as despesas do seu casamento. Eu gosto de você. Eu quero a sua felicidade, tá?

Isabel – Madame, eu sou muito feliz do jeito que eu estou.

Madame – E você não está pensando em me deixar, né? Você é bonita, educada, competente. Logo, logo vai arranjar um emprego melhor.

Isabel – Claro que a gente sempre quer crescer, mas eu não me sentiria bem em deixar a senhora.

Madame – Mas eu prefiro cortar esse mal pela raiz. Eu vou te dar um aumento.

Isabel – Um aumento? Ah, madame, nossa, vem em boa hora!

Madame – Que ótimo, très bien. Vou lhe dar um aumento.

(A câmera fecha no rosto de Isabel, entre agradecida e sorridente. Fim da cena.)

Marcador didático e: Amplas reformas urbanas empreendidas no Rio de Janeiro do começo do século XX (cf: Ferreira, 2019; Silva, 2013; Chaloub, 1996; Azevedo, 2016).

Marcador didático f: Paternalismo nas relações entre brancos abolicionistas e a população negra (cf: Benevides; Fagundes, 2019; Costa, 2020; Graham, 1992).

Público-alvo: educadores e discentes.

Situações-problema:

- 1) Trazer à discussão o contexto e motivação das reformas urbanas empreendidas no Rio de Janeiro do começo do século XX, comparando analiticamente com questões ligadas ao desordenamento urbano de grandes cidades brasileiras, com destaque para o conceito de gentrificação³ das áreas centrais.
- 2) Debater acerca da relação entre a postura paternalista de parte do discurso abolicionista brasileiro e o mito da democracia racial no Brasil, cristalizado especialmente a partir da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1933).

Objetivos: fazer a correlação entre o mito da democracia racial, paternalismo e racismo no Brasil.

Metodologia:

1) Leitura de uma das reportagens produzidas por Lima Barreto⁴ acerca da derrubada do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, durante as reformas urbanas do início do século 20.

2) Leitura de excertos de *Casa-Grande & Senzala*.

Avaliação: Discussão de ambos os textos, em momentos diferentes, com o propósito de que sejam expressadas 1) as compreensões acerca da configuração urbana brasileira atual e 2) exemplificações que indiquem as consequências da difusão das ideias em torno do paternalismo e da “democracia racial” na permanência do racismo das relações sociais e institucionais brasileiras atuais.

Essa proposição metodológica é assentada no princípio de leitura crítica das mídias, de Kaplún, adaptado à análise de textos, seguindo o pressuposto de modelo da educomunicação segundo o qual “o educando é o sujeito da educação e a ênfase está mais no processo do que no resultado ou nos conteúdos” (Barbosa, 2018, p. 2). E cujo propósito é mais voltado à interação dialética entre as pessoas e a realidade do entorno, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e consciência social (Kaplún apud Barbosa, 2018, p. 2) do que propriamente para a mensagem em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A gente vai conseguir, Chico. Nunca mais um negro vai ser açoitado na Marinha do Brasil!” A frase do personagem Zé Maria, em cena que foi ao ar no dia 10 de novembro de 2012, é de uma simplicidade evidente, mas traz embutida a capacidade de resumir o cerne das motivações da Revolta da Chibata. É sob essa lógica que delineamos este trabalho. Porque é cada vez mais desafiador, numa sociedade extremamente conectada e com profusão de informações e estímulos visuais que chegam aos jovens com velocidade exponencial pelas redes sociais, capturar o interesse dos estudantes em ambiente escolar (Oliveira, 2017; Ferreira et al., 2019; Dino; Costa, 2021). Ao longo deste artigo, defendemos o uso de estratégias da educomunicação como forma não apenas de atrair a atenção dos alunos aos conteúdos, mas inseri-los na discussão, aproximando os fatos e acontecimentos históricos à realidade que vivenciam cotidianamente, por intermédio de produtos audiovisuais ficcionais.

A escolha da telenovela *Lado a Lado* para ser utilizada como auxiliar no ensino-aprendizagem a respeito do Brasil no alvorecer do século XX funciona como protótipo para a busca por outros recursos da teledramaturgia que carreguem o potencial de 1) captar o interesse; 2) ampliar as possibilidades de discussão e 3) inserir o corpo discente na construção do ensino-aprendizagem.

Pretendemos que o modelo de metodologia proposto neste trabalho seja aplicado em práticas pedagógicas escolares diversas, como meio de fomentar a construção de saberes em sala de aula. Propomos, ainda, que se faça opção por obras — assim como *Lado a Lado* — que fazem uso de contextos históricos como parte integrante da trama, e não apenas pano de fundo, e que se afastem dos estereótipos e das simplificações comumente associadas ao gênero ficcional televisivo. Se houver conteúdo transmidiático, tanto melhor.

O “casamento” do entretenimento com o conhecimento histórico pode ser possível, especialmente quando a teledramaturgia se cerca de conteúdos qualificados, com orientação especializada e aporte de ferramentas — como a transmediação — que sejam responsáveis por um produto que traga o potencial da representatividade, do rigor para com os fatos e, em especial, que impulse o espírito crítico do público. E, por conseguinte, que consiga incrementar os métodos de ensino e engajar estudantes no processo de construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. *Projetos de intervenção em educomunicação*. Campina Grande: EDUEFG, 2024.
- AMORIM, Ana Roberta. *A cor da minha tela*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Trabalho de conclusão de curso. Bacharelado em Jornalismo. Disponível em: <https://acordaminhatela.wixsite.com/>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- ATTRIDE-STIRLING, Jennifer. Thematic networks: An analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, v. 1, n. 3, p. 385-405, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/146879410100100307>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de Civilização e Progresso. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.
- AUTOR de “Lado a Lado” comemora repercussão positiva da novela. *Uol*, 2013. Disponível em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2013/03/08/autor-de-lado-a-lado-comemora-repercussao-positiva-da-novela--170020.php>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- BACCEGA, Maria Aparecida; MELLO, Felipe Corrêa de; BARRETO, Rosana Grangeiro. História, ficção e realidade: a novela Lado a Lado e seu olhar sobre questões históricas brasileiras. 2014, *Anais [...]*. Lima: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002996824.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- BALOGH, Anna Maria. *O discurso ficcional na TV*. Sedução e sonho em doses homeopáticas. São Paulo: Edusp, 2001.
- BARBOSA, Alexandre. Kaplún e as políticas de comunicação e educação do MST. *Revista Z Cultural*. Ano XIII, n. 01, 1º semestre de 2018.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 222-234.
- CARMO, Sura Souza; VIEIRA, Flávia Cristina Costa. Intersecções Entre Gênero, Raça e Trabalho: o vestir-se das negras de ganho no século XIX. *Veredas da História*, [online], v. 13, n. 2, p. 100-125, dez. 2020.
- CAPANEMA, Silvia. *João Cândido e os navegantes negros*: A revolta da chibata e a segunda abolição. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2022
- CASTILHO, Celso Thomas. “Ao teatro, pelos cativos!”: uma história política da abolição no Recife. In: CABRAL, Flavio José Gomes; COSTA, Robson (Org.). *História*

- da escravidão em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2012, p. 325-343.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COSTA, Gracielly. Trabalhadores negros na origem da política social brasileira. *EM PAUTA*, Rio de Janeiro, 2º Semestre de 2020, n. 46, v. 18, p. 68-84. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- COSTA, Robson Pedrosa. *Os escravos do santo: uma história sobre paternalismo e transgressão nas propriedades beneditinas, nos séculos XVIII e XIX* / Robson Pedrosa Costa. Recife: Ed. UFPE, 2020.
- DANDARA, Luana. Cinco dias de fúria: Revolta da Vacina envolveu muito mais do que insatisfação com a vacinação. *Portal Fiocruz*. Rio de Janeiro, 2022.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo?. In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*: Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DINO, Luísa Adib; COSTA, Daniela. Uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: dinâmicas e desafios. *RE@d - Revista de Educação a Distância e Elearning*, v. 4, n. 1, mar. 2021.
- FECHINE, Yvana; GOUVEIA, Diego; ALMEIDA, Cecilia; COSTA, Marcela; ESTEVÃO, Flávia. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). *Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva Brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.
- FERREIRA, I. G. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX e XXI: o porto em questão. In: 2 Encontro Internacional História & Parcerias e 6 Seminário Fluminense de Pós-Graduandos em História, 2019, Rio de Janeiro. *Caderno de Resumos do 2 Encontro Internacional História & Parcerias*, 2019, v. 1. p. 72-72.
- FERREIRA, C. B.; MARTINS, F. A. S.; AFONSO, M. L. M. O whatsapp na escola: desafios do uso de tics na educação. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 31019-31029, 2019.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 28, n. 1, jan/jun, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record: Rio de Janeiro, 1998.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREITAS, José Vicente. Educomunicação: contextualizando o processo de atribuição de sentidos e significados no delineamento do conceito. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 10, n. 2, 2015, p. 149-162.
- FURTADO, Carlos Ribeiro. Intervenção do Estado e (re)estruturação urbana. Um estudo sobre gentrificação. *Cadernos Metrópole*, Volume: 16, Número: 32, 2014.
- GÓES BENEVIDES, J. L.; LONTRA FAGUNDES, B. F. O paternalismo escravista em perspectiva na literatura: contrapontos entre o Demônio Familiar e Úrsula. *Revista Interdisciplinar Em Cultura e Sociedade*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 107-126, 2019.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GRANATO, Fernando. *O negro da chibata: o marinheiro que colocou a República na mira dos canhões*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.
- JORNAL DO BRASIL. *Vaccinação obrigatória*. Edição 315, 10 de novembro de 1904, p. 3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_02/15180. Acesso em: 16 jun. 2024.
- KAPLÚN, Mario. *Comunicación entre grupos: El método de cassete-foro*. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.
- LIMA, Márcia; SILVA, Marcos Rodrigues da; NOGUEIRA, João Carlos. *História do trabalho e dos trabalhadores negros no Brasil*. São Paulo: CUT, 2001.
- LIMA, Venício Artur de. *Mídia: Teoria e Política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 69
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 26, p. 17-34, abr. 2003.
- LÖWY, Michael. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, [S. l.], n. 25-26, p. 20-28, 2011.
- MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo; CASTILHO, Celso Thomas (Orgs). *Tornando-se livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de Abolição*. São Paulo: EDUSP, 2015, 480 p.
- MACHADO, Maria Helena, “Teremos grandes desastres, se não houver providências enérgicas e imediatas”: a rebelião dos escravos e a abolição da escravidão. In: SALLES, Ricardo; GRIMBERG, Keila. *Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

- MAESTRI, Mário. *Cisnes negros: 1910: a revolta dos marinheiros contra a chibata*. São Paulo: Moderna, 1998.
- MATHEUS, Marcelo Santos. A produção da liberdade no Brasil escravista (Século XIX). Dossiê: Escravidão e Liberdade na Diáspora Atlântica. *História* 37, 2018.
- MAUAD, Ana Maria; CAVALCANTE, Paulo. *História e Documento*. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
- MEMÓRIA GLOBO. *Lado a Lado*. 28 de outubro de 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/lado-a-lado/noticia/lado-a-lado.ghtml>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- MOREL, Edmar. *A revolta da chibata*. Organização de Marco Morel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- NOWELL, Lorelli. S.; NORRIS, Jill. M.; WHITE, D. E.; MOULES, Nancy. J. Thematic analysis: Striving to meet the trustworthiness criteria. *International Journal of Qualitative Methods*, 2017.
- OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. *Educar em Revista*, n. 64, abr./jun. 2017.
- PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia da Televisão*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- PAULA, Andrea de Lima Trigueiro de; MOREIRA, Diego Gouveia. Megafone-DH: uma experiência educ comunicativa e transmidiática em educação para os direitos humanos no Recife. In: Confibercom – I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, 1, 2011, São Paulo.
- REIS, João José. *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 452 p.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Especial de Comunicação Social. *1904 - Revolta da Vacina. A maior batalha do Rio*. Cadernos da Comunicação. Série Memória. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A Secretaria, 2006.
- ROCHA, Simone Maria. ALVES, Matheus Luiz Couto. OLIVEIRA, Livia Fernandes de. A HISTÓRIA ATRAVÉS DO ESTILO TELEVISIVO: A Revolta da Vacina na telenovela Lado a Lado. *EcoPós*. v. 16, n. 1, p. 205-220, mai./ago. 2013
- SCHMITZ, Ingrid Oyarzábal. Repensando o ensino de história: a telenovela através de “Lado a Lado”. In: ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS, 3, 2016, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: [s.n.], 2016.
- SILVA, Lúcia. A Paris dos trópicos e a Pequena África na época do Haussmann tropical. In: SANGLARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge (Orgs.). *História urbana: memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 201-223.

- SILVA, René Marc da Costa. História dos trabalhadores negros no Brasil e desigualdade racial. *Universitas JUS*, v. 24, n. 3, p. 93-107, 2013.
- SLENES, R. W. *Na senzala, uma flor*: esperanças e recordações na formação da família escrava no sudeste do Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOARES, Cecília Moreira. *As Ganhadeiras*: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. 1996.
- SOARES, Luiz Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de História*, n. 16, 1988, p. 107-142.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Metodologias da Educação para a Comunicação no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida. *Gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educom. Rádio, na trilha de Mario Kaplún. In: MARQUES DE MELO, José de et al. (Org.). *Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún*. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- SOARES, Ismar Oliveira. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas). *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 19, n. 2, p. 135-142, set. 2014.
- SOUZA, Fernando Lucas Garcia de. Pelos bons serviços prestados e em razão do amor que lhe tenho: estratégias de luta dos escravos pela conquista da alforria em Rio Grande (1820-1860). *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano IX, n. XVII, agosto/2016.
- TONDATO, Marcia Perencin. Consumo e cidadania: representações midiáticas na telenovela Lado a Lado. *Interin*, v. 20, n. 2, 2015, p. 104-121.
- VAZ, Verena Ferreira dos Santos. *Caminhando em Lado a Lado (2012): As potencialidades da telenovela para a pesquisa historiográfica e para a aprendizagem histórica*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

NOTAS

¹ Referimo-nos, aqui, à perspectiva historiográfica anacrônica de escamotear as narrativas de pessoas negras, mulheres e trabalhadores dos grandes relatos no Brasil, privilegiando os “grandes homens”, os “vencedores”, parafraseando Walter Benjamin (1985). Opõe-se à concepção dialética de escrever a História, escovando-a “a contrapelo” (Löwy, 2011), contando-a sob a ótica dos “vencidos”.

² A lista com todos os URLs recuperados para esta pesquisa pode ser acessada pelo link: <https://bit.ly/corpus-ladoalado>.

³ De acordo com Carlos Ribeiro Furtado (2014), o conceito de gentrificação (*gentrification*) foi originalmente apresentado pela socióloga britânica Ruth Glass, nos anos 1950, para demarcar os processos de transformação de áreas residenciais deterioradas em Londres, ocupadas por trabalhadores, em zonas de moradia mais nobres, para a classe média.

⁴ Os textos foram publicados no *Diário da Manhã*, entre abril e junho de 1905, e estão disponíveis para acesso gratuito e online na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.